

Crise afeta o ensino técnico

Menina dos olhos do Ministério da Educação desde que começou a ser implantado em 1986 pelo então ministro Jorge Bornhausen, o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico (Protec) corre o risco de sofrer interrupção, caso não receba investimentos maciços nos próximos governos, segundo alertado pelo secretário de Ensino do 2º Grau, professor João Azevedo.

Para o secretário do SESG o programa de escolas técnicas profissionalizantes "é um dos projetos mais sérios e profundos já feitos no País, não podendo jamais ser reduzido a um período governamental", apesar de, conforme admitiu, exigir a aplicação de grandes investimentos: "Será uma leviandade com a educação brasileira paralisar essas unidades técnicas, por falta de dinheiro", advertiu João Azevedo.

Encontrando dificuldades para colocar em prática o projeto inicial de implantação de 200 escolas técnicas industriais e agrícolas, garantindo a previsão de formação de 35 mil profissionais de nível de 2º grau, o MEC contesta as críticas que dentro do próprio sistema educacional vêm sendo feitas ao Protec.

Custos

A Secretaria de Ensino do 2º Grau nega informações extra-oficiais segundo as quais os altos custos dos institutos técnicos se deva mais à preocupação com edificações caras e sofisticadas, que por implantação ou laboratórios, recusando-se a admitir que os centros técnicos tenham se transformado em "trampolins" para as universidades, utilizadas primordialmente por jovens da classe média-alta, afastando-se assim de sua finalidade inicial.

Entretanto, para o ex-secretário-adjunto do Ensino do 2º Grau, Célio da Cunha, a questão do 2º grau não se exaure nem se esgota no âmbito do ensino técnico-agronômico e industrial, principalmente porque ao criá-lo, em 1986, "O MEC pensou na área econômica, em primeiro lugar".

Outra dúvida levantada por Célio, lotado atualmente no Conselho de Reitores, diz respeito à ausência de suas áreas fundamentais no Protec: a saúde e o comércio.

Do ponto de vista financeiro, o professor Célio da Cunha avaliou que o preço do programa de escolas técnicas é extremamente alto (cerca de NCz\$ 40 milhões a unidade) e o MEC "gasta a maior parte do orçamento destinado ao ensino do 2º grau para manter sua rede de escolas técnicas e agrotécnicas". Segundo revelou, ainda, "nos computadores do MEC existem hoje perto de 1.500 pedidos de escolas e apoio ao ensino técnico".